

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
-DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA-

ANDRÉ FERREIRA BEVILACQUA

A. A. Barão e o futebol de várzea paulistano

São Paulo

2023

ANDRÉ FERREIRA BEVILACQUA

A. A. Barão e o futebol de várzea paulistano

Trabalho de Graduação Integrado (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Humana

Orientadora: Prof. Dr. Simone Scifoni

São Paulo

2023

Dedico este trabalho a todos aqueles que se relacionam com o futebol de várzea, suas belezas, tristezas e potências. Foram todas estas pessoas que fizeram com que me tornasse alguém mais vivo e potente e que contribuíram e contribuem para a existência de um esporte que dá sentido à minha vida.

Dedico este trabalho ao A. A. Barão, time que me apresentou a várzea e o futebol amador. Se não fosse esse grupo de pessoas do Barão, que vivem paixões parecidas com as minhas, eu não teria experimentado e vivido coisas tão importantes e essenciais para a minha vida e para a minha formação.

Dedico este trabalho a todos os colegas e amigos da Geografia da USP. Ainda que mais velho e já um pouco distante do frescor da juventude, tive o prazer de experimentar andanças universitárias ao lado de pessoas comprometidas com a sociedade, intensos e que tem motivações de vida e trabalho que buscam reduzir desigualdades socioeconômicas.

Dedico este trabalho a Professora Simone Scifoni. Professora pela qual nutri grande admiração ao cursar Urbana I, no início da graduação, devido ao seu conhecimento, clareza de ideias, resistência e respeito pelos estudantes do curso. Como orientadora deste trabalho, foi fundamental na constituição do mesmo e me recebeu de braços abertos em um momento em que mudei meu tema de pesquisa e a procurei cheio de incertezas e inseguranças.

Dedico este trabalho a minha companheira de vida, Renata Chican. Fica até um pouco complicado escrever o motivo desta dedicatória, pois ela é parte fundamental em todos os meus momentos de vida desde que nos conhecemos, a mais de 12 anos. Para sintetizar, te agradeço pelo incentivo e força vitais para que eu fizesse algo que sempre quis, que era cursar Geografia e pelo incentivo e força vitais para que eu concluísse este mesmo curso. Te agradeço pelo amor, cuidado, carinho e companheirismo.

Dedico este trabalho ao meu pequeno Valentim. Te agradeço pelo amor, carinho, aprendizado e todos os singelos momentos da vida que você me proporciona desde o seu nascimento.

Dedico este trabalho a Renata Bevilacqua, ao Ricardo Janovitz, ao Gael e a Flora, meus familiares que me aceitam e sempre me aceitaram como sou.

Dedico este trabalho a Diana Mendes e ao Kaue Gomes, pessoas com as quais não tinha relação, mas que, sem pestanejar, se prontificaram a avaliar e contribuir com um trabalho tão singelo como este, mesmo que em cima da hora.

Dedico este trabalho ao Mateus Tourinho, que fez um belíssimo trabalho também relacionado ao futebol de várzea e foi de uma generosidade enorme ao me ajudar na realização deste.

Dedico este trabalho ao Thomas Ficarelli que foi de uma generosidade enorme, sem nem ao mesmo me conhecer, a me ajudar com a produção dos mapas temáticos do trabalho.

Dedico este trabalho a todos meus amigos e amigas, muitos deles também companheiros de futebol, por toda amizade e companheirismo. Sou verdadeiramente muito grato por ter passado por esta vida e ter vocês por perto. Não sabia ao certo se deveria nominar um por um, mas achei que devido a extensa lista, agradecer de maneira genérica alcançaria todos aqueles que quero alcançar.

Dedico este trabalho ao finado Racionais, juiz dos campos da Marambaia, por quem sempre nutri uma enorme simpatia e que faleceu durante a realização deste trabalho. Racionais se despediu do Barão participando de um jogo festivo e “catando” no gol. Obrigado, Racionais.

Por fim, dedico este trabalho ao futebol. Prática que me formou, me trouxe saúde mental e física, me trouxe respiro. É algo até um pouco estranho, talvez esnobe, mas quando penso sobre aquilo que realmente sei fazer com aptidão e onde em alguns momentos da vida já atingi a plena potência, penso na prática deste esporte. Não penso nas minhas atividades como professor, no meu dia a dia como pai ou em qualquer outra coisa, penso que minha plenitude está nesta prática. Obrigado, futebol!

SUMÁRIO

Introdução.....	4
Capítulo 1. Eu e o futebol.....	11
Capítulo 2. A história do A. A. Barão.....	14
Capítulo 3. A história do A. A. Barão – parte II.....	16
Capítulo 4. Os campos e as várzeas dos rios.....	30
Considerações Finais.....	39
Referências.....	41

Introdução

Este trabalho tem alguns objetivos que se cruzam, se sobrepõe e muitas vezes se perdem no meio de um tema e uma área que fazem parte da minha vida há décadas. Como área, refiro-me a geografia: ciência; respiro para uma compreensão crítica de uma sociedade afundada no consumismo e no desempenho; e um fio condutor para intervenções que possam contribuir para uma ocupação do espaço menos perversa. Como tema, refiro-me ao futebol, prática esportiva que no Brasil, e especificamente na cidade de São Paulo, tem extrema relevância no jogo de forças que se impõe na **sociedade**.

Ainda que os objetivos não estejam totalmente claros, este trabalho busca compartilhar parte do que vivi e aprendi em pouco mais de duas décadas jogando por um time amador da várzea paulistana. O trabalho também busca problematizar alguns aspectos do futebol dentro de uma análise que almeja relacionar espaço, futebol, sociedade e circulação. Por fim, busca encontrar uma maneira de contribuir com o futebol de várzea e com uma perspectiva de compreensão socioespacial não mercadológica, mas sim cooperativa e solidária.

Me proponho a um equilíbrio no fio condutor do futebol de várzea como uma possibilidade de análise de questões socioespaciais, sem abandonar a análise de questões do campo de jogo e seus conflitos.

Wisnik (2008), diz que as análises que tratam da temática do futebol são sobre dinheiro e futebol, política e futebol, meios de comunicação e futebol, violência e futebol... mas nenhuma linha sobre o futebol. Ele escreve:

É só essa ausência sintomática de futebol que permite falar, com tanta certeza, da insignificância do conteúdo do jogo, quando seria preciso entender que, nele, como nas artes e na música, o conteúdo está ali como se não estivesse: na ausência de significado, mas fazendo sentido e pondo em cena conteúdos conflitivos e catárticos que o

transformam nesse vespeiro universal de conagração e violência. É pelo fato de lidar de maneira não verbal com o núcleo de violência que constitui as sociedades, a um tempo elaborando-o e expondo-se ao risco de trazê-lo à tona, que o futebol pode se tornar o vínculo intrigante que atravessa todo tipo de fronteiras. (WISNIK, 2008, p. 45)

Assim, também buscarei contemplar nessa apresentação alguns momentos dessa vivência, trazendo relatos de campo, imagens e sensações que fazem parte da prática em si, da relação entre 22 pessoas que suam, se sujam, discutem e desfrutam do contato com a pelota. Há ainda muitos outros e outras que compõe esse momento, como torcida, suplentes, passantes, donos do bar e juízes (ou assopradores de apito). Sobre os juízes ou árbitros, em coluna de 2018, Juca Kfourri utiliza o termo depreciativo:

Restou o Inter graças ao assoprador de apito
Hoje tinha de ganhar ou ganhar, na bola ou na marra. Ganhou na marra, de virada, 2 a 1. É o vice-líder, a cinco pontos do Palmeiras, ainda sonhando com o tetra, em sair da fila desde 1979 e ser o primeiro campeão a vir da Série B. Invicto no Beira-Rio, contra os reservas do Atlético Paranaense, virgem de vitórias como visitante, nem empatar era aceitável.
E o Colorado só empatava até os acréscimos. 1 a 0, gol de Camacho, aos 18 minutos do segundo tempo, em bola desviada em Moledo, o Furacão na frente. O mesmo Moledo desviou outra vez, 18 minutos depois, mas dessa vez para empatar. Era pouco, pouquíssimo. Seguiu invicto em casa e mantinha a virgindade do rival, mas ficava a sete pontos do líder Palmeiras. Então, nos acréscimos, Rossi caiu na área e o assoprador de apito deu um pênalti inexistente, mandrakíssimo, para D'Alessandro converter. Só o Inter ameaça o Palmeiras. (KFOURI, 2018, sem p.)

Já Galeano, no lindíssimo Futebol ao Sol e à sombra, escreve:

O árbitro é arbitrário por definição. Este é o abominável tirano que exerce sua ditadura sem oposição possível e o verdugo afetado que exerce seu poder absoluto com gestos de ópera. Apito na boca, o árbitro sopra os ventos da fatalidade do destino e confirma ou anula os gols. Cartão na mão, levanta as cores da condenação: o amarelo, que castiga o pecador e o obriga ao arrependimento, ou o vermelho, que o manda para o exílio. (GALEANO, 2004, p. 17)

É possível afirmar que este trabalho propõe uma forma diferente de fazer ciência. O trabalho oferece uma maneira mais livre de prosseguimento, menos formal

do ponto de vista acadêmico, afinal aproveita-se de minha relação com o futebol de várzea e com as experiências que tive durante o percurso da bola. Acredito que a pesquisa se encontra em um campo menos formalizado, sobretudo por dois motivos: o não distanciamento do meu objeto de estudo, sendo eu pesquisador e pesquisado e a condução do trabalho em si, que não seguem uma trilha acadêmica tão clara, com começo, meio e fim, e em que os objetivos ficam por vezes confusos.

Sobre o primeiro motivo utilizo o artigo de Ricardo Baitz (2006), que constrói uma ideia de que a cisão entre sujeito e objeto tem como um dos motivos a realização da ética como superação da moral. Assim, a cientificidade concebeu um “pesquisador asséptico” que abraçaria uma verdade para além do mundano, do homem comum. É possível acreditar que não há neutralidade analítica e o intelectual implicado está consciente dos motivos íntimos ou alheios que o moveram a chegar a campo e realizar sua pesquisa. Baitz (2006, p. 35) diz:

A verdade é que tanto a implicação quanto a escrita implicada se vinculam mais à teoria dos momentos e à deriva que ao pragmatismo acadêmico. Contra o academicismo que leva o conhecimento a servir o capitalismo, a implicação recupera o pesquisador enquanto sujeito vivo, ativo e festivo.

Dessa maneira, trabalhando com as problematizações já mencionadas, terei o time em que jogo desde 2000, o A. A. Barão, como minha grande referência para esta pesquisa. Time de longa trajetória e que aprendeu e cresceu no futebol de várzea de São Paulo. Assim, reconheceu nesse mesmo futebol uma maneira de ampliar seus laços de socialização e aprofundou/desenvolveu o seu futebol (aqui, no sentido da prática) e o seu conhecimento sobre nossa cidade e sobre os meandros do futebol de várzea.



Figura 1: Camisas na entrada do vestiário no pós jogo. (Crédito: Luis Fellin)

Na foto acima temos uma representação simbólica para o time. Temos a entrada do vestiário, o bloco sobre bloco. A maior parte dos vestiários que visitamos são assim: construções mais rústicas e pouca ventilação. Alguns também não têm chuveiros com água quente (o que, nos dias quentes e após a “suadeira” da partida, nos proporciona ótimos banhos!). Nesta foto, a camisa com barro também conta um pouco na nossa história. A mistura da água com a terra já foi motivo de boas polêmicas no time. Digo isso, pois o nome Barão carrega consigo uma ideia de nobreza, de posição hierárquica alta, de riqueza. Ainda que boa parte dos integrantes iniciais do time e outros que foram chegando ao longo do tempo tivessem condições socioeconômicas muito melhores do que a realidade brasileira, quase todos esses integrantes estavam cientes dos seus privilégios e não queriam carregar essa posição de barão por onde circulassem jogando bola. Mas o nome não deixava escapar esse “status”. Assim, considerando que nossos uniformes estavam sempre sujos de barro

(sobretudo, os brancos), ventilou-se, no final dos anos 2000, de mudarmos o nome do time para Barrão. Um R, no caso, traria um simbolismo importante para aquilo que a grande maioria dos integrantes do time valorizavam e valorizam no mundo da bola (e na vida, com certeza), que era o barro por onde a bola rola, o espaço público não contaminado pela lógica de mercado, a prática futebolística que não segregava por condições socioeconômicas. Ao mesmo tempo, deixaríamos de perpetuar um nome que indica títulos e opressão. A ideia foi apresentada ao grupo e após algumas discussões, ficou decidido que manteríamos o nome. A maioria optou, mesmo concordando com a carga que esse nome carrega, que a desconstrução desse título de nobreza se daria através da bola, das ideias e das nossas práticas. Manteríamos por questões históricas e respeitando o time da 1ª geração, o nome inicial. Quem sabe um dia retomemos esse debate e a maioria esteja do lado do barrão.

Retomando a questão metodológica, o afastamento do objeto de pesquisa, como solicita a cientificidade clássica, é impossível no meu caso quando trato de qualquer temática ligada ao futebol. Para Baitz e sua ciência de implicação esta característica é, na verdade, um fator contribuinte à pesquisa. Viver este esporte na prática, jogando por um clube privado durante toda minha adolescência, depois jogando em diversos campos de várzea de São Paulo e de outros estados, aliados a um olhar que busca e buscava refletir sobre aquilo que fazia, me proporcionou inúmeras experiências que podem ser contribuintes para uma pesquisa na área.

No caso deste trabalho, eu já tinha muito material bruto para auxiliar no desenvolvimento da mesma. Desde o primeiro jogo do time os dados de cada partida foram registrados em dois arquivos. Há um arquivo Word em que anotamos a data da partida, o horário do jogo, o campo, o placar, se era algum jogo de campeonato ou amistoso, a escalação, os suplentes, o nome dos torcedores presentes, quem fez os

gols, quem deu as assistências (a partir de 2010), as expulsões e, quando alguém escrevia a crônica, era ali que ficava o registro. Há também um arquivo Excel, onde anotamos os dados individuais, ou seja, gols, assistências (a partir de 2010), expulsões, jogos, média de gols, média de assistências e gols tomados. Anotamos neste Excel também os dados coletivos, ou seja, jogos, vitórias, empates, derrotas, gols pró, gols contra, aproveitamento e saldo de gols. Todos estes dados que são colocados anualmente (temos 22 abas que representam os 22 anos de time) alimentam uma outra aba que chamamos de “Geral” e é ali onde fica a somatória de todos os dados do time.

No caso desta pesquisa, estes dois arquivos foram fundamentais, afinal apenas a memória, diante de tantas experiências e tempo de time, não seria suficiente. Três jogadores trabalharam (eu sou o responsável desde os anos finais da década de 2000) nestes arquivos ao longo da vida do time e posso afirmar com tranquilidade que todas estas anotações e registros históricos foram feitos com o máximo de diligência e respeito aos fatos históricos. Após todo jogo, os dados da partida são enviados ao grupo para conferência. No início do time, após o jogo, anotávamos tudo em um papel e depois enviávamos por email para todos. A partir da década de 2010 passamos a usar o zapzap e as anotações ficaram mais fáceis de serem feitas e divulgadas. A partir de 2022, normalmente quando estamos tomando uma cerveja no pós jogo, com a memória fresca sobre tudo que aconteceu, escrevo esta mensagem junto a roda dos companheiros e a envio ao grupo do bar mesmo. Nos últimos jogos também tenho pedido para que alguém faça uma breve descrição do jogo ou uma pequena crônica. Estes pequenos textos são muito legais de serem lidos anos depois.

Considerando esta pesquisa, que trabalha com o deslocamento do time pela cidade e a relação dos campos visitados com a presença dos rios, foi necessário um

aprofundamento de dados que não tínhamos até então. Apesar de anotarmos sempre o nome do campo ou o local do jogo, não fazíamos esta tarefa com o nível de detalhamento necessário para esta pesquisa. Por vezes colocávamos só o bairro, um nome não oficial ou o nome do time contra quem jogamos. Portanto, tive de ir buscar endereço por endereço dos mais de 100 campos visitados, para depois realizar o trabalho. Algumas destas anotações não me levavam diretamente ao endereço (em torno de 20%). Assim, para encontrar alguns destes campos, observando a escalação, o placar e o nome do campo ou do local do jogo, tive a ajuda do amigo e companheiro de time Martim Pimenta, que era quem compilava os dados antes de mim. Juntos, observando o googlemaps, fomos em busca do campo e de seu endereço. As imagens de satélite foram essenciais para buscarmos estes campos “perdidos”. Através desta busca por satélite, da memória ou da pesquisa por nome de time, conseguimos encontrar alguns destes campos “perdidos”. Ainda assim, 8 deles ficaram sem as devidas localizações. Atualmente, quando alimento a planilha sempre coloco o nome do campo e seu endereço.

Eu e o futebol

O futebol é parte da minha vida desde sempre. Palmeirense como meu pai, tenho poucas lembranças da bola antes dos meus 10, 11 anos (poucas lembranças da vida, na verdade). Entre algumas dessas, tenho duas mais fortes: jogar linha e melê na rua, no portão da escola pública que ficava na Rua Alfredo Piragibe (atual 23º Batalhão de Polícia Militar Metropolitano) e ser considerado pela molecada, que tinham até 15, 16 anos, como o “café com leite” (expressão racista?). Lembro também de, às vezes, estando nesse lugar de não saber fazer como se deve fazer, ser bem zoadado.

E a segunda, que talvez seja mais desejo do que realidade, a de jogar bola no quintal (corredor) de casa com minha avó Conceição, trocando infinitos passes com ela. Acho que isso deve ter acontecido poucas vezes e todas as outras eu devo ter chutado na parede mesmo, mas nada como uma lembrança desejo.

Já próximo dos meus 10, 11 anos, tive algumas experiências futebolísticas na Praça das Corujas, no bairro de alto de Pinheiros, na cidade de São Paulo. Ali, durante meu início de adolescência havia um campinho de terra e não Golden Retrievers, Border Collies ou Buldogues, correndo sobre o zelo de passeadores, empregados domésticos ou seus tutores, que é como o espaço é utilizado atualmente. O futebol que presenciei ali acontecia entre o pessoal das “ruas de cima” e o pessoal do Mangue, comunidade que ficava na vertente em frente a “nossa”, divididos pelo córrego das Corujas como fundo de vale. Acredito que esse tenha sido meu primeiro contato com o futebol de maior amplitude (aqui me refiro ao futebol de campo, de 11 contra 11, ainda que fosse um campinho com dimensões próximas a uma quadra de futsal) e sistematizado (* aqui me refiro ao

futebol com regras mais próximas ao que vemos no futebol profissional, dois gols grandes, com traves e uma contagem de placar linear) num campo de terra.



Figura 2: Primeiros momentos. (Fonte: Googlemaps)

1. Onde morei até meus 20 anos
 2. Praça das Corujas (Praça Rui Washington Pereira), onde ficava o campinho.
 3. Início e direção da comunidade do Mangue (atualmente, gentrificada).
- Em azul, o córrego das Corujas, fundo de vale que dividia as duas vertentes.

A sistematização do jogo em si, acontece quando me torno sócio, junto a minha irmã, minha mãe e meu pai, ao Anhembi Tênis Clube. O clube localizado próximo ao rio Pinheiros, arquitetado por João Batista Vilanova Artigas. Ali, dos 10 aos 17 anos reconheci, em um campo de terra, onde se jogavam 7 contra 7, o prazer pela prática e pela competição de bola. Foi ali também onde me deparei e comecei a elaborar meus primeiros conflitos de classe, raciais e de preconceito.

Localizado em Alto de Pinheiros, o clube, nos anos 90, possuía não mais que uma “mão cheia” de associados negros. Leonardo Barros Carvalho, primeiro presidente do clube, valorizando o movimento bandeirante, enfatiza: “Chama-se Anhembi, antigo nome do rio Tietê, estrada real das bandeiras que desbravaram

o sertão. É um nome tradicionalmente ligado à história de São Paulo.” Localizado a menos de 200 metros da margem do rio Pinheiros, fica a pergunta: Tal empreendimento fez parte do processo especulativo da margem do rio Pinheiros?



Figura 3: Localização do Anhembi Tênis Clube. (Fonte: Googlemaps)

1. Anhembi Tênis Clube – O campo, verde, hoje está com grama sintética.
2. Parque Villa Lobos

Passado o momento adolescente frequentando o Anhembi, iniciam-se minhas experiências futebolísticas mais amplas. Estas que servirão para o desenrolar deste trabalho.

A história do A.A.Barão

Apesar de carregar o A.A. (Associação Atlética) em seu nome, o time é referido sempre no masculino: “o Barão”. Assim, por um hábito da grande maioria daqueles que se referem ao time, usarei aqui apenas Barão para me referir a minha querida Associação.

Associação Atlética faz referência também a união em torno de interesses comuns relacionados ao esporte. No caso da Turma do Barão - nome dado de maneira informal a um grande número de jovens que circulavam juntos pela cidade entre meados da década de 1970 e o início da década de 1980 - a ideia de associação atlética estava relacionado a capoeira. Assim, pode se dizer que o time teve como primeira atividade cultural mais contundente a relação em torno da prática da capoeira. O futebol já era parte do cotidiano daqueles jovens de classe média desde os tempos da capoeiragem, mas adota-se 1980 como ano de fundação do time. O nome Barão se deu, pois os mesmos se reuniam em Perdizes, bairro da Zona Oeste de São Paulo, entre os prédios Barão de Ladário e Barão de Laguna.



Figura 4: Um dos primeiros jogos do Barão – Foto de 1980. Neno, 2º agachado da esquerda para direita. (Crédito: Neno)

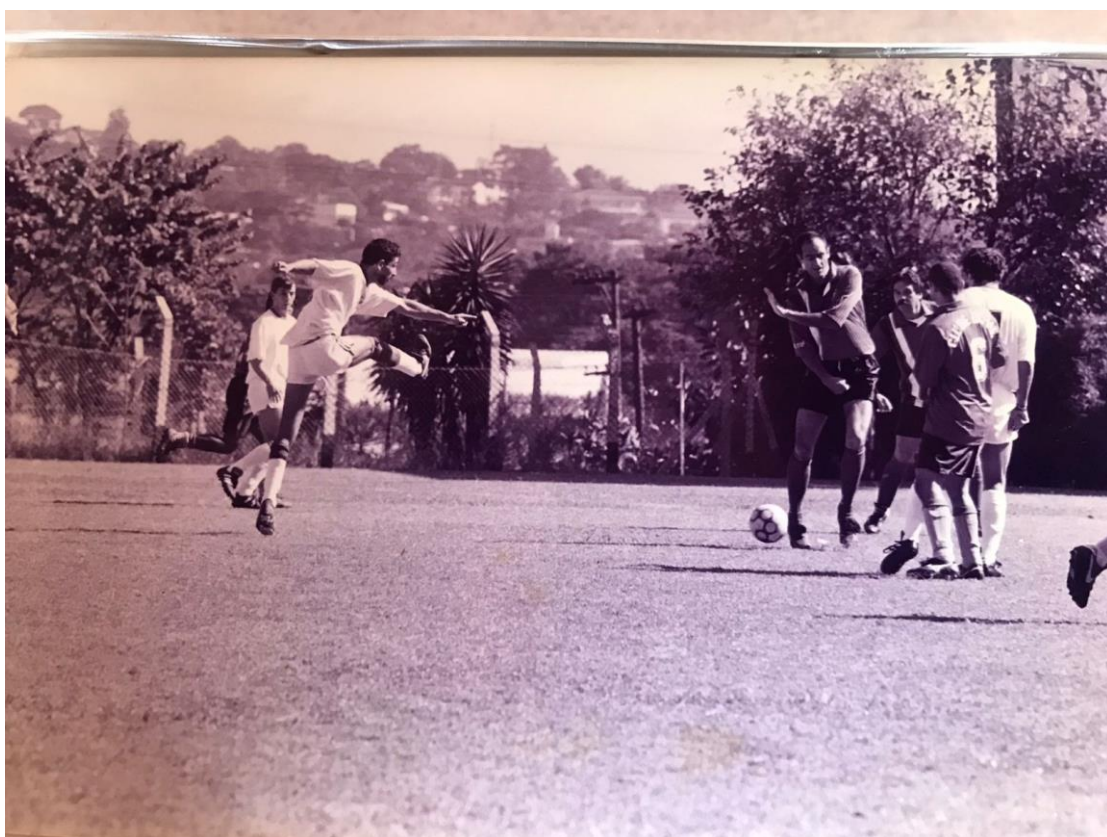


Figura 5: Canadá soltando um petardo em partida do Barão em meados dos anos 1990, no Clube do Mé. (Crédito: Neno)

Inicialmente, pensando na realização deste trabalho, tive o desejo de realizar uma pesquisa de mais folego sobre o surgimento do time, mas com o tempo percebi que minha contribuição seria analisando o percurso percorrido pelo Barão da 2ª geração, chamado até hoje pela velha guarda de Barãozinho (ainda que boa parte de nosso time já esteja se aproximando ou tenho passado os 40 anos).

A história do A. A. Barão – parte II



Figura 6: Gabriel se prepara para a cobrança de falta no campo do Bento Bicudo, no bairro de Pirituba, na cidade de São Paulo. Início dos anos 2010. (Crédito: Ed Viaggiani)

Na escola Vera Cruz, na zona Oeste de São Paulo, alguns meninos “doidos” por futebol, impregnados pelas disputas frenéticas dos intervalos, em que se descia a escada correndo para ganhar um minuto a mais de bola, decidem criar

um time de futebol de campo. Ainda longe de imaginarem o que viria pela frente, com as referências de dois pais que jogavam pelo Barão da 1ª geração, Ed Vigiani e Neno, estes meninos decidem dar continuidade ao A.A. Barão e fundam a 2ª geração. Na sequência, as informações dos dois primeiros jogos, do arquivo original, onde são anotados os dados de todos os jogos:

Data: 6/5/00	<i>Santo Américo</i>
Barão 5 X 8 Sto. Américo	
Time: Carone, Luan, Régis, Guiguiu e Dedé; C., Camilo, Don, Gabiza e Bento; Martim. (Doré e Seibel)	
Gols: Martim (pen.), Luan, Camilo, Bento e Don	
Data: 13/5/00	<i>Marítimo</i>
Barão 2 X 3 Time do Bevi	
Time: Carone, Luan, Régis e Camilo; C., Don, Doré, e Gabiza; Martim e Daida. * Participou deste jogo o zagueiro Bandoch	
Gols: Doré e Daida	

Figura 7: Dados dos dois primeiros jogos. No 2º jogo da história do time, estava eu do outro lado e é a partir de então que começa minha história junto ao time.

Os dois primeiros jogos do time terminam em derrota e indicam um caminho árduo, que a maioria dos times pequenos de várzea têm - ainda mais em seu início formado por garotos de 16/17 anos. Segue uma tabela e um gráfico, que foram produzidos a partir dos dados que estão nos dois arquivos do time. São informações sobre o aproveitamento do time, ano a ano, em que a vitória representa 100%, o empate 33% e a derrota 0%:

Ano	Aproveitamento (%)	Ano	Aproveitamento (%)	Ano	Aproveitamento (%)
2000	43,14	2008	75,44	2016	45,37
2001	27,27	2009	55,56	2017	44,44
2002	72,22	2010	43,38	2018	42,03
2003	67,74	2011	72,04	2019	28,00
2004	53,13	2012	63,33	2020	50,00
2005	47,78	2013	60,42	2021	25,00
2006	55,00	2014	45,16	2022	57,78
2007	68,33	2015	48,72		

Figura 8: Tabela com aproveitamento do time ao longo do tempo.

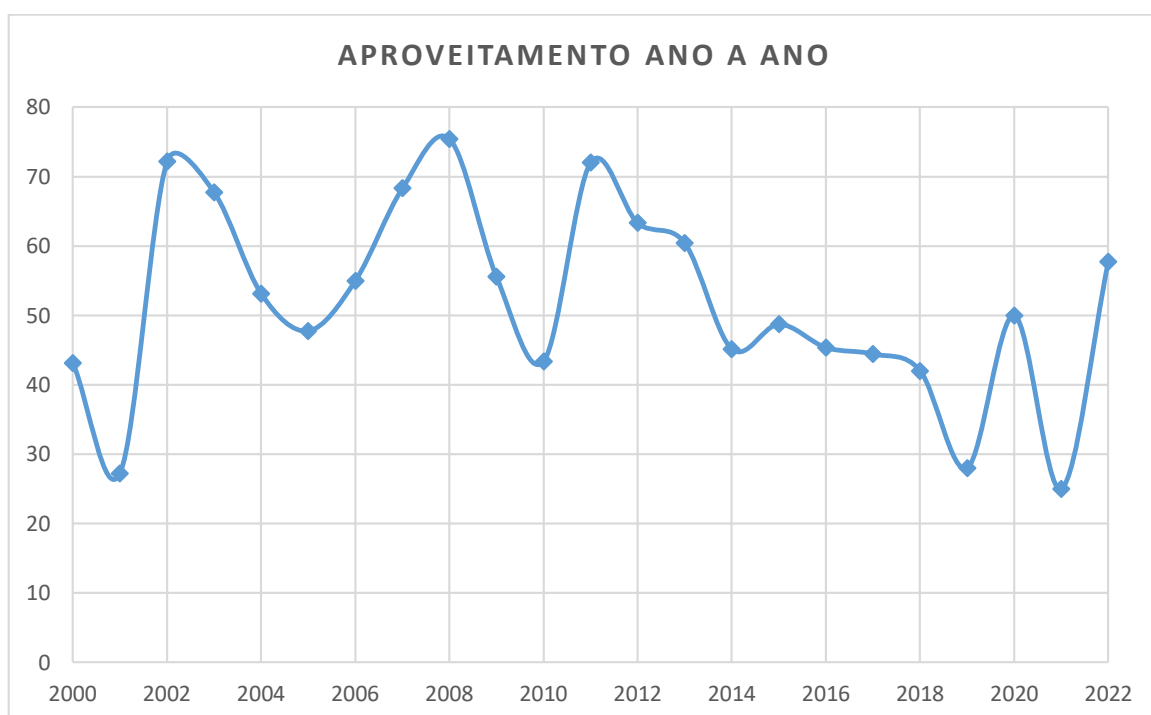


Figura 9: Gráfico de aproveitamento do time. A linha apresentada indica a oscilação de aproveitamento do time ao longo de 22 anos.

Analisando os campos, os dois primeiros jogos também são simbólicos. O time surge em uma escola privada com altas mensalidades e enfrenta em seu primeiro jogo o Santo Américo, escola com espaço físico enorme (tinha um campo de grama natural “tapete” em seus domínios) também com altas mensalidades.

Já o 2º jogo foi um indicativo de qual caminho iríamos seguir, fazendo a nossa estreia no Marítimo, um dos oito campos presentes no Parque do Povo, nos

anos 2000. Dos 533 jogos que fizemos até o final de 2022, 100 deles foram no Parque do Povo, sendo que 65 foram no Marítimo, nossa saudosa casa.

Distribuição dos campos do Parque do Povo



Figura 10: Parque do Povo em 2004. Adaptado de Scifoni, 2015.

Na imagem estão os 8 campos que compunham o Parque do Povo, que costumávamos chamar de Marítimo devido a nossa maior frequência de jogos ali.

Na legenda está indicado a quantidade de jogos que o Barão fez em cada um destes campos de 2000 até 2005, ano em que a especulação imobiliária abocanhou esse remanescente varzeano. Eu e meu primo, também jogador do Barão, participamos de algumas reuniões com a Sociedade Amigos do Itaim Bibi, políticos de plantão, moradores do Parque do Povo, responsáveis pelo teatro e pelo circo que ali existiam, entre outros interessados. Nessas reuniões ficou muito claro para nós dois, que lutávamos pela manutenção dos campos e por uma saída não precarizada para os moradores que viviam ali há décadas, que tudo já estava encaminhado. Era só questão de tempo para um patrimônio cultural como aquele, em que circulavam pessoas de todas as classes sociais e regiões de São Paulo, erigido e mantido pelo futebol de várzea, fosse colocado abaixo para que os moradores do já rico bairro do Itaim Bibi perdessem de vista essa “gente diferenciada”. O processo de destruição dos campos do Parque do Povo pode

ser melhor compreendido com a leitura completa do trabalho da Simoni Scifoni. Em linhas mais gerais, toda a história do futebol de várzea que estava contida naquela área, em um dos bairros mais ricos e com o metro quadrado mais caro de São Paulo, o Itaim Bibi, foram colocados abaixo para a existência do “novo Parque do Povo”. Com alguns campos e times dali datando da década de 1920, o desmantelamento de uma cultura essencial para a formação de São Paulo configura-se um desrespeito e uma afronta com a história da própria cidade. Organizar um espaço abandonado pelo poder público, em que dois ou três faziam dinheiro com os alugueis dos campos, não significava acabar com este patrimônio cultural. Símbolo do “trator de apagamento” foi que o único espaço deixado para a prática do futebol de 11, esteve por anos sem traves e, conseqüentemente, sem nenhum uso. Triste fim para uma área tão importante para os varzeanos e para a cidade de São Paulo. Sobre o tema, escreve Scifoni:

Quando de seu tombamento, nos anos 1990, o Parque do Povo constituía uma forma peculiar em relação à paisagem que lhe envolvia. Oito campos de futebol, somente um inteiramente gramado, os demais em chão de terra batida. Cercas vivas de eucaliptos demarcando os campos. Bares e construções de aspecto improvisado, distribuídas em caminhos estreitos e tortuosos. Os jogos, os churrascos aos finais de semana, a bocha, o carteador, a cerveja, os petiscos dos botecos ocorriam em diferentes espaços. Um aspecto geral de paisagem criada de forma espontânea, bem a contragosto de um planejamento de tipo racionalista, definido na prancheta e no papel. Ainda conviviam ali atividades circenses, shows com artistas populares, peças de teatro alternativo. Enfim, um espaço da cidade ocupado para produzir cultura fora do circuito comercial.

Numa época em que o zapzap não era o principal agenciador de jogos e o celular ainda começava a tomar força, fazíamos a organização muitas vezes por telefones fixos ou no combinado presencial com uma semana de antecedência. E pouquíssimos davam o famoso “milho” ou a clássica “furada”.

Vale a lembrança de duas pessoas que foram nossos companheiros durante esses ricos 6 anos de futebol de várzea nos campos do Parque do Povo. A primeira delas era o Catatau, com apelido cunhado devido a sua estatura, era o responsável pelo bar do Marítimo e tinha prosa e risada fácil. A segunda é Luis Pietro, o agenciador de jogos, com quem conversávamos para marcar outros jogos e o responsável de nos apresentar dezenas de times. Luis Pietro dizia: “AABaron completa no pierde.” Um misto de sinceridade com adulação, afinal nosso time completo era forte, mas nós nunca jogávamos completos. Saudosa lembrança!

Trago aqui, do arquivo original do time, a sequência de jogos que nos deu o primeiro título da história do time, com todos os jogos disputados no Parque do Povo:

IV TORNEIO DA AMIZADE

Vulgo: Copa Pietro

1ª rodada

Data: 08/05/04

Caneta

Barão 2 x 1 Arsenal

Time: Daum, Luan, Sobral, Camilo e Dedé;
C., Gabriel, Martim e Bevi; Pedrinho e Lucão.
(Cauan)

Gols: Lucão (2)

*Daum, *O Menino Jesus*.

2ª rodada

Data: 22/05/04

Itororó

Barão 4 x 2 Brasport

Time: Daum, Luan, Sobral, Camilo e Dedé;
C., Fernandinho, Bevi e Pedrinho; Doré e Martim.
(Bento, Gabriel, Cauan e Lucas)

Gols: Martim (2), Fernandinho e Cauan

*Daum, de novo, agora com pênalti defendido pra garantir a vitória.

3ª rodada

Data: 26/06/04

Bacalhau

Barão 2 x 1 Potenza

Time: Daum, Luan, Sobral, Camilo e Dedé;
C., Martim, Fernandinho e Bevi; Lucão e Doré.
(Pedrinho)

D.T. Bento Antunes

Gols: Sobral e Lucão

Figura 11: Primeiro título do Barão. Passagem marcante pelo Parque do Povo.

Findada a marcante passagem pelo Parque do Povo, abocanhado pelos interesses hegemônicos, ficamos um pouco perdidos e tivemos até uma diminuição no número de jogos:



Figura 12: Gráfico com a quantidade de jogos ano a ano.

O gráfico indica que de 2005 (último ano do Parque do Povo) para 2006, tivemos uma queda aproximada de 10 jogos por ano. Isso mostra o quanto este reduto da várzea foi importante para o nosso time. Se por um lado diminuimos nossa frequência de jogos, por outro iniciamos um processo de maior circulação pela cidade. De 2000 à 2005, portanto em 6 anos, fizemos 137 jogos em 30 campos diferentes. Já entre 2006 e 2008, fizemos 59 jogos em 25 campos diferentes.

Em 2008, fizemos nossa estreia no Pelezão, campo localizado no bairro da Lapa, na cidade de São Paulo, que acabou se tornando o campo em que mais jogamos em nossa história: foram 117 jogos neste campo. Inicialmente de terra, também foi transformado em grama sintética, mas ainda na época da terra, considero que ali tivemos nossa principal conquista da história, o 3º lugar nos Jogos da Cidade – subprefeitura Lapa. Os Jogos da Cidade sempre foram nossa obsessão, mas acabamos caindo em 3 semifinais. Nossa sorte foi que nos

primórdios dos Jogos da Cidade (final dos anos 2010) ainda havia a disputa de 3º e 4º.



Figura 13: Pelezão, ainda na terra, disputa de 3º e 4º com o sorriso do jogo já terminado (2006). Acervo próprio.

Jogos da Cidade

terceiro e quarto – regional lapa

Data: 12/09/09

Pelezão

Barão 1 x 1 Catão

pen 6 x 5

Time: PUCCI; Alemão, C, Sobral e Camilo;
Marcão, Gabriel, Martim e Bevi; Doré e Cauan.
(Bento)

presença_Dedé e Gugão

gols: Cauan

pen: Sobral fora; Alemão, Martim, Doré, Bevi, Gabriel e Cauan
dentro!

**BARÃO TERCEIRO MELHOR TIME DA LAPA!
MEDALHA NO PEITO!!!!**

Figura 14: Dados da disputa de 3º e 4º no Pelezão. (2009)

Segue também uma foto após uma vitória marcante que deu o título da VI
Copa Autonomia:



Figura 15: Bento Bicudo – Título da VI Copa Autonomia – Novembro de 2014. Acervo próprio.

Temos diversas crônicas de jogos do Barão. Trago esta referente ao mesmo jogo da Figura 15. Segue a crônica sem alterações:

BARÃO CAMPEÃO!!! VAMO CARALHOOOO!!! O BARÃO É O TIME DA VIRADA!!! O BARÃO É O TIME DO AMOOOORRRR!!!!

Campeão Porra!!

Começamos o jogo bem, concentrados, escolhendo bem entre os momentos de chutão e de manter a posse (sempre buscando o ataque). Nossa linha de trás estava sólida e o perigo estava nas faltas cometidas (ou não cometidas, mas assinaladas pelo Marga). Eles pareciam nervosos e apenas buscavam a ligação direta do tiro de meta ou da quebrada do goleiro ou de algum zagueiro. Tivemos boas chances mas não transformamos em gol e, numa dessas faltas (de muito longe), lá pelos 25, 30 min, que parecia q viria como um cruzamento, o zagueiro dos caras acertou um tirambasso e encobriu o Pucci. A torcida dos caras foi a loucura e, por um instante, me pareceu q a grade da arquibancada cederia como quando o gordo marcou contra o Palmeiras. O gol mexeu com a gente e perdemos o controle da partida e do meio campo. Eles cresceram e faltando uns 5 min pra acabar o primeiro tempo, em outra jogada de bola parada, os caras guardaram. Escanteio bem batido, na linha da área pequena, e o mesmo zagueiro, sozinho, fuzilou de cabeça. 2 a 0 autônomos. Jogo perfeito para os caras. Agora era só catimbar até o final.

No intervalo a conversa foi boa: tranquilizadora e motivadora. Leeward, Sobral, Vitinho e Doré deram essa assistência. Foi um passe pra gol! Era isso q precisávamos, calma com motivação, força com serenidade, amor e violência (o humor ficou para o final- uuuuuuhhhh mar-ce-li-nho, hehe). A espiral se formou, os punhos cerraram ao centro e o grito entoou outra vez.

O segundo tempo não está tão claro pra mim. As emoções foram fortes e lembro dos 3 gols, da falação adversária e das mais de 10 faltas (sem exageros) marcadas pelo Marga na entrada ou próximas da grande área pra eles.

Da nossa parte, o primeiro gol saiu quando, logo no começo do segundo tempo, Martan recebeu pela ponta direita e cortou pro meio, claramente dentro da área, e foi foicado pelo raçudo Piva. Penalti claro! Margarida ainda foi olhar a marca na terra e depois de uma falação grande assinalou o penal. Com precisão nosso 9 guardou! Aí, malandro, a unidade alvi negra se tornou mais sólida e a crença na vitória só cresceu! Do lado de lá, os caras começavam a sentir o cheiro da manutenção do tabu. E não deu outra: num cruzamento de Bilu, pelos meados do segundo tempo, a bola flutuou até a cabeça de Mc Baguinha (enquanto todo time mentalizava "faz, Dorezinho") e ele, com a estrela de Tupã, Euler e Diney e as bagas de Bob e D2, cabeceou para o chão, como manda o protocolo, sem chance para o arqueiro. 2 a 2 Caramro!!! A pequena torcida, representada pelas Srtas. Altenfelder, Vidigal e Bevilacqua e pela aguda Rê Bevi e o Figura Janovitz se sobressaiu sobre a Palestina. Aí foi a vez de Bruno Manga mostrar a q veio e trazer de vez o caneco pro Barão das Perdizes, do Marítimo, da Zona Oeste: cruzamento de Doré, briga de cabeça pelo alto e, subindo lá em cima, Manguinha fez a bola beijar a trave esquerda do goleiro e morrer, chorando bem devagarzinho, como tinha q ser, na rede lateral do lado direito. E 3 a 2 CAraleo!!!! Sem forças autônomas (com o perdão do trocadilho) pra reagir e com nosso time munido de todas a boas energias não tinha como aquela história ser mudada: BARAO CAMPEAO DA VI Copa Autonomia! BaumDemais!

Aí foi só gritar, festejar dentro do terraço e no vestiário e tomar umas e outras pra agradecer e comemorar pelo dia vivido!

Figura 16: Crônica da final da VI Copa Autonomia

Entre 2008 e 2016, foi o período em que conseguimos ganhar mais taças e formamos um time que era forte na bola, pouco falava com arbitragem e adversários e já tinha uma casca de maturidade que se misturava com um preparo físico ainda potente. Parte destas conquistas estão guardadas na La Gallega, pizzeria de bairro, onde comemoramos nossas vitórias e choramos nossas derrotas. Gratidão a La Gallega.



Figura 17: Troféus na querida La Gallega. Acervo próprio.

O período seguinte, a partir de 2016/2017 foi onde começaram nossas maiores dificuldades, pois estávamos alcançando uma idade mais avançada e enfrentar os times esporte estava cada vez mais difícil. Foi também um momento de muitas chegadas de jogadores e saídas de outros, o que proporciona sempre um rearranjo. Nosso time nunca teve técnico. Sempre tivemos lideranças, que se sobressaíam naturalmente por, sobretudo, assiduidade e interesse no time. Jogar bem futebol era e é importante para o time, mas o maior valor sempre foi o de curtir o time, o movimento da várzea e estar presente com desejo de estar presente. Tarefas muitas vezes simples, quando realizadas por uma única pessoa, tornavam-se mais complexas quando realizadas coletivamente. Assim, escalar e fazer substituições já geraram ruídos, mas acredito que foram pouquíssimos se considerarmos uma história de mais de 20 anos sempre com uma gestão coletiva e cooperativa. Apesar das dificuldades do período, foi também nesse momento que aumentamos nossa frequência de jogos no complexo de campos da Rua Marambaia (Complexo Campo de Marte) e no Santa Marina, campo centenário da Barra Funda. Duas casas que admiramos e temos o privilégio de jogar até hoje.

A pandemia trouxe ainda mais complexidade para todo este contexto de idade mais avançada, uso de zapzap como meio de comunicação (para não ir em um jogo, bastava mandar uma mensagem horas antes do mesmo, dizendo que não ia conseguir chegar) e um rearranjo dos jogadores. O período pandêmico trouxe uma paralização total, como deveria ser, mas a volta foi muito complicada. Tivemos falta de quórum e até mesmo uma preocupação com um possível término do time (como boa parte daqueles que enfrentamos ao longo da nossa vida). Conseguimos dar uma boa “volta por cima” e hoje seguimos firmes.



Figura 18: Neblinão, Guarulhos divisa com São Paulo, final de 2022. Antes do jogo e durante o mesmo com um dilúvio (as nuvens ao fundo já davam “o tom”). Acervo próprio.

Por fim, apresento algumas informações sobre o time, retiradas dos arquivos originais:

Geral			
	Casa	Fora	Total
Jogos	183	353	536
Vitórias	105	152	257
Empates	29	65	94
Derrotas	49	136	185
%	62,66	49,20	53,79
Gols Pró	575	787	1362
G. Contra	352	709	1061
Saldo	223	78	301




Figura 19: Dados gerais do time, já com os 3 jogos de 2023.

Os campos e a várzea dos rios

O futebol de várzea é muito mais amplo do que a sua relação com o leito maior dos rios. Segundo o Novo dicionário geológico-geomorfológico, de Guerra:

As várzeas são terrenos baixos e mais ou menos planos que se encontram junto as margens dos rios. Constituem, a rigor, na linguagem geomorfológica, o leito maior dos rios.

O futebol de várzea tem relação com o futebol amador, com o bar na beira do campo, com o cotidiano das comunidades, com os campos de terra (sim, em 2022, ainda que a grama sintética tenha ganhado muito espaço, eles ainda existem). A existência do futebol de várzea superou suas questões físicas (o leito maior do rio) e adquiriu contornos sociais.

Considerando a questão a localização dos campos e suas relações com os rios, mapeei todos os campos em que jogamos na nossa história, encontrando seus endereços (quase todos) e as datas de estreia. Depois disso utilizei os sites [googlemaps.com](https://www.google.com/maps) e o [hezbolago.carto.com](https://www.hezbolago.carto.com) para analisar quais os rios estavam próximos – até aproximadamente 150 metros da margem do leito menor do rio.

Acredito que para complementar o trabalho, numa tentativa de afinar ainda mais a pesquisa, eu também deveria ter analisado outras duas características: A altitude do rio e a comparado com a altitude do campo, para saber se o campo se encontra mesmo na planície de inundação do rio (um campo que tem um desnível muito grande em relação ao leito menor do rio, provavelmente não faz parte de sua planície de inundação). A análise do rio para saber se estamos falando de um rio ou córrego com planície de inundação ou se estamos falando de um rio que se encontra em uma vertente com alta declividade e, portanto, não há nenhuma relação da presença do campo com a presença do rio. Porém, realizar a análise da presença de

rios nas proximidades dos campos já é um ótimo indicativo desta relação entre as várzeas e os campos de várzeas. Há também um outro fator que é a minha memória e a memória de amigos de time, que ao visitarmos os campos pudemos ao longo desta jornada de mais de 2 décadas, verificarmos se estes são ou não campos de várzea no sentido físico.

	CAMPO	JOGOS	DATA	ENDEREÇO	RELAÇÃO COM O RIO
1	Colégio Santo Américo	3	06/05/2000	R. Santo Américo, 275 - Jardim Colombo, São Paulo - SP, 05629-020	Não há rios próximos
2	Marítimo Pq do Povo	65	13/05/2000	Av. Henrique Chamma, 420 - Pinheiros, São Paulo - SP, 04533-130	Rio Pinheiros
3	Vila Nova Cachoeirinha	1	03/06/2000	Possíveis campos: Tiradentes e Boi Malhado. Pesquisa google.	Córrego do Índio ou Córrego do Cabuçu de Baixo
4	A.P.M	3	10/06/2000	Estrada de Santa Inês, Km 10, Caieiras/SP - CONFIRMAR	Fora de São Paulo
5	Granja Comary	3	10/07/2000	Rua Comari 1, Teresópolis, Estado do Rio de Janeiro	Fora de São Paulo
6	Jundiaí	2	30/09/2000	Jundiai - SP	Fora de São Paulo
7	Mocidade Pq do Povo	13	24/03/2001	Av. Henrique Chamma, 420 - Pinheiros, São Paulo - SP, 04533-130	Rio Pinheiros
8	Pq ecológico do Tietê	5	22/09/2001	Parque Ecológico do Tietê - Rodovia Parque - Vila Santo Henrique, São Paulo - SP	Rio Tietê
9	Itooró Pq do Povo	8	19/04/2002	Av. Henrique Chamma, 420 - Pinheiros, São Paulo - SP, 04533-130	Rio Pinheiros
10	SPAC	7	14/09/2002	SPAC Rugby - Avenida Atlântica - Socorro, São Paulo - SP	Represa Guarapiranga
11	Jarinu	2	29/03/2003	Jarinu - SP	Fora de São Paulo
12	Macabi	13	13/04/2003	Av. Nova Cantareira, 4120 - Tremembé, São Paulo - SP, 02341-001	Não há rios próximos
13	São Bento do Sapucaí	1	10/05/2003	São Bento do Sapucaí	Fora de São Paulo
14	Campo do Vilinha - KM 26,5 da Raposo	10	17/05/2003	Av. José Giorgi, 1040 - Granja Viana II, Cotia - SP	Fora de São Paulo
15	Industria Roche - Campo da Roche	1	25/10/2003	Av. Eng. Billings, 1729 - Jaguaré, São Paulo - SP	Rio Pinheiros
16	Campo da febem Tatuapé - Campo do Flamengoinho	1	04/11/2003	Jardim Andarai, São Paulo - SP, 02113-004	Rio Tietê

	da Vila Maria ou do Benfica				
17	Flor do Itaim Pq do Povo	1	13/12/2003	Av. Henrique Chamma, 420 - Pinheiros, São Paulo - SP, 04533-130	Rio Pinheiros
18	Sesc Interlagos	1	14/12/2003	Sesc Interlagos - Avenida Manuel Alves Soares - Parque Colonial, São Paulo - SP	Próximo a reserva Billings
19	São Roque	1	21/12/2003	São Roque - SP	Fora de São Paulo
20	Caneta Pq do Povo	6	06/03/2004	Av. Henrique Chamma, 420 - Pinheiros, São Paulo - SP, 04533-130	Rio Pinheiros
21	Paranapiacaba	1	20/03/2004	Campo de Futebol de Paranapiacaba - Paranapiacaba, Santo André - SP	Fora de São Paulo
22	Bacalhau Pq do Povo	2	17/04/2004	Av. Henrique Chamma, 420 - Pinheiros, São Paulo - SP, 04533-130	Rio Pinheiros
23	Itatiba	8	30/10/2004	Itatiba - SP	Fora de São Paulo
24	Rebouças	3	20/11/2004	Rua Armando Barreto, 85 - Jardim Colombo, São Paulo - SP	Córrego Itararé
25	Aruja	1	19/03/2005	Aruja - SP	Fora de São Paulo
26	Taubaté	1	07/08/2005	Taubate - SP	Fora de São Paulo
27	Campo da aeronautica	1	14/08/2005	Av. Bráz Leme, 2594	Córrego Tenente Rocha
28	Clube do Mé Pq do Povo	5	17/09/2005	Av. Henrique Chamma, 420 - Pinheiros, São Paulo - SP, 04533-130	Rio Pinheiros
29	Eletropaulo - JÁ NÃO EXISTE	1	07/11/2005	Rua Padre Emílio Miotti, - Vila Ribeiro de Barros, São Paulo - SP	Encontro dos rios Tietê e Pinheiros
30	Pq Villa Lobos	10	20/11/2005	Av. Prof. Fonseca Rodrigues, 2001 - Alto de Pinheiros, São Paulo - SP, 05317-020	Rio Pinheiros
31	Campo do Democrata - Cidade Dutra	1	17/02/2006	R. José Bonifácio Filho, 329 - Jardim Sao Benedito, São Paulo - SP, 04813-060, Brasil	Represa Billings
32	Campo da Portuguesinha - Butantã	1	10/03/2006	R. Conde Luiz Eduardo Matarazzo, 255 - Vila Sao Silvestre, São Paulo - SP	Córrego Jaguaré
33	Centro Olímpico	13	08/04/2006	Av. Ibirapuera, 1315 - Vila Clementino - 04029-000	Córrego Uberaba
34	Berrini	1	27/05/2006	Endereço não localizado	Rio Pinheiros
35	Clube Campestre Jaraguá	1	05/08/2006	Av. Dr. Felipe Pinel, 2008 - Pirituba, São Paulo - SP, 02939-000	Pequeno córrego sem nome
36	Sabesp	1	27/08/2006	Campo não encontrado	
37	Pq da Mooca	6	07/10/2006	Rua Taquari, 450-516 - Mooca, São Paulo - SP	Córrego Cassandoca
38	Sei-Sho-No-Ié - CDC Vila Guarani	6	03/12/2006	Av. Leonardo da Vinci, 01 - Vila Guarani, São Paulo - SP, 04313-000	Não há rios próximos
39	Monteiro Lobato	1	18/03/2007	Monteiro Lobato	Fora de São Paulo
40	Mooca	1	24/03/2007	Endereço não localizado	

41	Campo do Lausanne	1	31/03/2007	R. Maria Bandini Savoy, 172 - Lauzane Paulista, São Paulo - SP, 02435-040	Córrego Lauzane
42	Condomínio Porto do Sol	1	01/04/2007	Endereço não localizado	Fora de São Paulo
43	Campo do Espada CDC	1	23/05/2007	Av Pirajussara, 5000, Jardim Jussara, São Paulo / SP, 05534000	Córrego Pirajussara
44	Clube Escola Santana	3	22/06/2007	Av. Santos Dumont, 1318 - Santana, São Paulo - SP, 02012-101	Rio Tietê
45	Várzea Paulista	1	23/12/2007	Várzea Paulista	Fora de São Paulo
46	Pq da Aclimação	2	16/02/2008	Rua Muniz de Sousa, 1.119 - Aclimação, São Paulo - SP, 01534-001	Córrego da Aclimação
47	Pelézão	117	24/02/2008	R. Belmonte, 957 - Alto da Lapa, São Paulo - SP, 05082-001	Não há rios próximos
48	Campo da Vila Maria - Jd Japão - CDC Cecília Meireles (Magnólia)	2	18/05/2008	Al. Segundo-Sarg. Fábio Pavani, 201 - Jardim Japao, São Paulo - SP, 02142-040	Córrego Biquinha
49	Campo da Vila Guilherme - CDC VIGOR	2	20/09/2008	Av. Carlos de Campos, 935 - Pari, São Paulo - SP, 03028-000	Rio Tietê
50	Itu	1	14/12/2008	Itu	Fora de São Paulo
51	Bento Bicudo	39	14/02/2009	Rua Werner Von Siemens, 351	Rio Tietê
52	Penha	1	09/05/2009	Campo não encontrado	
53	ABRADE - Primeiro jogo no complexo marambaia?? Não há campo no endereço	1	23/05/2009	AV BARUEL, 316, 318 Bairro VILA BARUEL Cidade São Paulo CEP 02.522-000	Rio tietê
54	Aliança - Marambaia	12	01/08/2009	Rua Marambaia, 802	Rio Tietê
55	CDM Belenzinho	1	13/03/2010	Avenida Guilherme Cotching, 16 - Vila Maria - São Paulo - SP	Rio Tietê
56	Serra Morena	1	17/04/2010	Campo não localizado	
57	206 da Dutra	1	01/05/2010	Campo não localizado	
58	Vila Maria	1	15/05/2010	Campo não localizado	
59	Baruel Marambaia	8	07/08/2010	Rua Marambaia, 802	Rio Tietê
60	Cruz da Esperança - Marambaia	4	14/08/2010	Rua Marambaia, 802	Rio Tietê
61	Clube Escola Jd. São Paulo	3	21/08/2010	R. Viri, 425 - Jardim São Paulo, São Paulo - SP, 02046-030	Córrego Carandiru
62	Interlagos	2	12/09/2010	Campo não localizado	
63	Atual Arena Rio Pequeno	1	04/12/2010	Av. Rio pequeno, 1850	Córrego Jaguaré

64	Campo do Franchinni - Embu	1	11/12/2010	Estrada Henrique Franchini, 72, Embu Colonial Embu das Artes-SP	Fora de São Paulo
65	Freguesia do Ó - Campo do Piupiu - Nacional do Bom Retiro	7	29/01/2011	R. Anhaia, 1239 - Bom Retiro, São Paulo - SP, 01130-000	Rio Tietê
66	Jd. São Luis - CDC Jd. Ibirapuera	5	22/05/2011	Rua Mourisca, 26	Afluente do Córrego da Ponte Baixa
67	Porto Feliz	1	29/05/2011	Porto Feliz	Fora de São Paulo
68	Três Montanhas	1	03/07/2011	Alameda Roraima, 1331 - Três Montanhas, Osasco - SP, 06278-090	Fora de São Paulo
69	Mocidade - Jd. Bonfiglioli	3	17/07/2011	Rua Lucas de Leyde, 16 - Rio Pequeno, São Paulo - SP, 05376-010	Afluente do córrego do Jaguaré
70	Pq. Raposo Tavares	1	13/08/2011	R. Telmo Coelho Filho, 200 - Jardim Olympia, São Paulo - SP, 05543-020	Não há rios próximos
71	Pq. Villas Boas	6	18/09/2011	Av. Emb. Macedo Soares, 8000 - Vila Leopoldina, São Paulo - SP, 05307-200	Rio tietê
72	Embuense - Embu	1	24/09/2011	Estr. Babilônia, 1210 - Chácara São Cristovao, Embu das Artes - SP, 06846-070	Fora de São Paulo
73	Campo da Gaviões	1	04/10/2011	Campo não localizado	
74	Aldeia Tenondé Porã - Parelheiros	1	19/11/2011	Aldeia Tenondé Porã	Represa Billings
75	Ipê - Clube	1	28/12/2012	R. Ipê, 103 - Ibirapuera, São Paulo - SP, 04022-005	Não há rios próximos
76	Varp - CDC Rio Pequeno	6	27/05/2012	Rua Professor Antônio Figueiras, 373	Afluente do córrego do Jaguaré
77	AEUJE - Osasco - Jd. Elvira	4	09/12/2012	R. João XXIII, 91 - Jardim Elvira, Osasco - SP, 06243-100	Fora de São Paulo
78	CAJU - CDC Jaguaré	7	30/03/2014	Rua Floresto Bandechi, 480, Jaguaré, São Paulo / SP, 04693040.	Não há rios próximos
79	Campo do Cruzeiroinho - Vila Mangalot - CDC Magalot	4	02/08/2014	R. Joaquim Pereira Lima, 60 - Parque São Domingos, São Paulo - 05126-100	Afluente do Córrego Cintra
80	Campo do Jd. Regina	1	20/09/2014	Praça Costa Sena, 113 - Jardim Regina, São Paulo - SP, 05174-200	Córrego Itapeva
81	Campo do estrela d'alva	1	27/09/2014	Av. Brasil, 2546-2902 - Rochdale, Osasco - SP, 06220-050	Fora de São Paulo
82	CEPEUSP	3	08/10/2014	Praça 02, Prof. Rubião Meira, 61 – Cidade Universitária	Rio Pinheiros
83	Campo do Kiporta	1	07/12/2014	São Paulo, SP – CEP 05508 110 Caieiras	Fora de São Paulo
84	Paulista - Marambaia	8	30/01/2015	Rua Marambaia, 802	Rio Tietê

85	Campo do Espada de Ouro	1	10/05/2015	R. Maria Augusta Siqueira, 14 - Remédios, Osasco - SP, 02675-031	Fora de São Paulo
86	Campo do Poli	3	17/05/2015	R. Ciriema, 120 - Ayrosa, Osasco - SP, 06132-000	Fora de São Paulo
87	KM 21 da Raposo	1	23/08/2015	Rodovia Raposo Tavares km 21, São Paulo – Campo não localizado	
88	Santana de Parnaíba	1	06/12/2015	Santana de Parnaíba	Fora de São Paulo
89	Santa Isabel	2	13/03/2016	Santa Izabel	Fora de São Paulo
90	CDC Ferradura	2	14/04/2016	R. Adelino da Fontoura, 404 - Jardim Jabaquara, São Paulo - SP, 04383-050	Afluente do Córrego do Cordeiro
91	Campo do Jd. Nakamura (Campo do Ajax)	1	03/09/2016	Rua Manoel Vitor de Jesus, 1111 - Jardim Nakamura	Córrego Itupu
92	Pitangueira - Marambaia	3	20/11/2010	Rua Marambaia, 802	Rio Tietê
93	CDM Jd. Cachoeira - Divineia	2	04/02/2017	R. Monsenhor Paulo Fernandes de Barros, 34 - Jardim Cachoeira, São Paulo - SP, 02762-100	Córrego Cabuçu de Baixo
94	Campo Jd. São Bento - Braz Leme	4	18/02/2017	Av. Braz Leme, 1171-1301 - Santana, São Paulo - SP	Afluente do Tietê
95	Presídio Militar Romão Gomes	1	11/03/2017	Av. Nova Cantareira, 4052	Afluente do Córrego Ipesp
96	Campo do SADE - Marambaia	1	01/04/2017	Rua Marambaia, 802	Rio Tietê
97	Santa Marina	16	08/04/2017	Avenida Santa Marina, 883 - Água Branca	Córrego Comendador Martinelli
98	Pq ecológico do Guarapiranga	1	19/06/2017	Est. da Riviera - Praia Azul, São Paulo - SP, 04916-000	Represa do Guarapiranga
99	Campo do Pq São Domingos Pirituba	1	29/07/2017	Rua Pedro Sernagioti, 125, Parque São Domingos	Afluente do Tietê
100	CAOC Medicina Pinheiros	1	22/09/2018	Rua Artur de Azevedo nº 01	Não há rios próximos
101	CDC São Januário	1	23/03/2019	Cidade Auxiliadora, São Paulo - SP, 05782-351	Córrego Diniz
102	Campo da Cheba	1	07/04/2019	R. João Gottsfriz Filho, 66 - Jardim Regis, São Paulo - SP	Represa Billings
103	Campo do Bonfim - CDC Senhor do Bonfim	1	03/08/2019	R. Juan de Col., 118 – Freguesia do Ó	Rio da Pedra
104	Centro Educacional Butantã	2	20/11/2021	Rua Dr. Ernâni da Gama Corrêa, 367 - Conj. Res. Butanta, São Paulo - SP, 05539-040	Rio Pirajussara
105	CDC Vila Jaguara	2	27/08/2022	Rua Michel Haddad, 23 - Vila Jaguara - São Paulo - SP	Rio Tietê
106	CDC Só Alegria	1	17/09/2022	Rua Raul Valença, 69, Artur Alvim	Afluente do Córrego Gamelinhas

107	CDM Alvorada - Campo do Gema	1	24/09/2022	Rua Padre José Vieira de Matos, 390	Não há rios próximos
108	Neblinão (Guarulhos)	1	09/10/2022	Avenida Mariano Melliani, 270, Ponte Grande - Guarulhos	Fora de São Paulo

Figura 20: Tabela com campos, número de jogos por campo, data de estreia, endereço dos campo e o rio que tem proximidade com o campo.

Jogamos em 79 campos na cidade São Paulo e em 29 fora da cidade. Destes 79 campos do município paulistano, não consegui encontrar 8 endereços por falta de dados precisos em nossos arquivos.

Dos 71 campos com dados, apenas 9 não possuem rios próximos, portanto são 62 campos que têm tendência a serem campos que ficam em planícies de inundação. Isto representa aproximadamente 87% dos campos que frequentamos.

Segue um mapa com a maior parte destes campos:

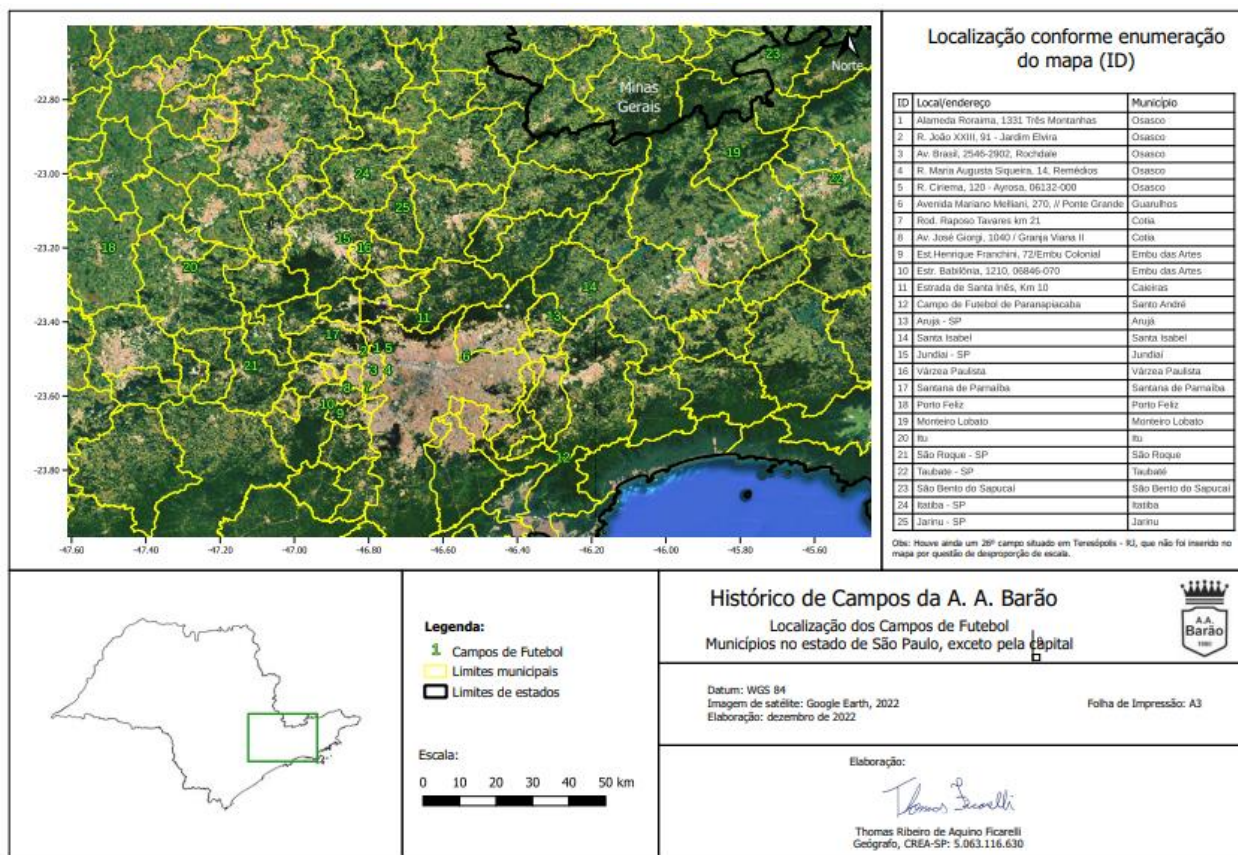


Figura 22: Mapa com a distribuição dos campos visitados pelo Barão fora da cidade de São Paulo. Por Thomas Ficarelli.

Fica perceptível, observando o mapa, que a maior parte dos campos em que jogamos fora do município de São Paulo ficam em cidades conurbadas. São 5 campos em Osasco, 2 em Cotia, 2 em Embu e 1 em Caieiras. Portanto são 10 campos de um total de 29 em cidades conurbadas, o que representa aproximadamente 34% de nossos jogos fora do município.

Considerações finais

O futebol de várzea paulistano teve este nome cunhado devido as suas características físicas, pois os campos se apropriavam do leito maior do rio (a várzea) nos momentos de seca. Ainda que o futebol de várzea represente não mais apenas esta característica física e esteja repleto de fundações constituídas socialmente, os campos que o Barão frequentou, como um time amador de várzea, indicam que a relação entre este tipo de futebol e os rios segue presente. No presente estudo, considerando a circulação do time em 62 campos (eram 71, mas não encontrei dados suficientes em 9 deles) da cidade de São Paulo, as análises indicaram que 87% deles tem proximidade de até 150 metros com algum rio (ainda que alguns deles estejam tamponados), o que nos faz crer que o termo várzea ainda faz sentido no sentido físico do termo.

Analisando as imagens de satélite também fica perceptível que estes campos, salvo algumas exceções, carregam remanescentes de mata. Considerando a selva de pedra em que vivemos, ainda que alguns desses remanescentes não superem um hectare, é possível afirmar que os campos de várzea dão uma pequena e importante contribuição para a nossa cidade no quesito respiro. Seja respiro espiritual, seja respiro ambiental.

Apesar de não entrar com profundidade no tema ao longo do trabalho, considero que o futebol de várzea é lugar de resistência e aprendizado. Considero que é um lugar de socialização ainda não tomado pelos grandes interesses do mercado, ainda que seus territórios estejam sendo pressionados todo o tempo por estes interesses e que muitos destes espaços já tenham sucumbido (vide Parque do Povo).

Por fim, espero que através deste singelo trabalho eu consiga contribuir de alguma forma para que estes espaços, que tanto contribuíram para a minha formação e que tanto me deram ao longo da vida, não sucumbam.

Saúde!



Figura 23: Campo do Aliança – complexo de campos da Marambaia (Campo de Marte). Acervo próprio.

Referências

AB'SABER, Aziz Nacib. **Geomorfologia do sítio urbano de São Paulo**. São Paulo: USP-FFCL. 1957.

BAITZ, Ricardo. A implicação: um novo sedimento a se explorar na geografia?. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 84, p. 25-50, 2006.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: LP&M, 2004.

GUERRA, A.T. **Dicionário geológico-geomorfológico**. 5.ed. Rio de Janeiro: IBGE, 439p.1993.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

SCIFONI, Simone. Parque do Povo: um patrimônio do futebol de várzea em São Paulo. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v.21, n.2, p. 125-151, jul - dez. 2013.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. **Meandros dos rios nos meandros do poder: Tiete e Pinheiros - valorização dos rios e das varzeas na cidade de São Paulo**. 1987. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

SIMAS, Luiz Antônio. **Maracanã: quando a cidade era terreiro**. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.